



UNICAMP

EVENTO: Apresentação do grupo In Sanun  
 VEÍCULO: DIÁRIO DO POVO  
 DATA: 10 set 95  
 PÁGINA: 001  
 SEÇÃO: ARTE E LAZER



CDMC  
 Brasil Unicamp

O quarteto In Sanun é um dos nomes da nova geração da "hermética" música contemporânea em Campinas



# NOVA GERAÇÃO

**A** SUZAMARA SANTOS  
 composição *Sexteto*, do pianista Alexandre Lunsqui, 25 anos, foi uma das cinco peças brasileiras selecionadas pelo grupo Contrechamps, de Genebra, para apresentações em concertos de música contemporânea na Europa. Sua música disputou lugar com outras assinadas por compositores de carreira sólida dentro e fora do País, como Flô Menezes e Maury Buchala.

A seleção, mais do que comprovar a eficácia da música de Lunsqui e selar um intercâmbio musical entre Campinas e Genebra, dá sinais de que a hermética (por enquanto), música contemporânea, está formando uma nova geração de compositores na cidade. Quando começou a tocar em Cam-

pinas, em 1990, o instrumentista ganhou um apelido especial nos meios musicais. Ele passou a ser chamado de Bill Evans (mais tarde Bilé), numa honrosa comparação ao grande pianista de jazz.

Embora o jazz seja sua praia mais conhecida, Lunsqui mantém em dia seu trânsito pela música contemporânea. "Existe muito preconceito no meio musical. Quem é de jazz não toca erudita; quem é erudito não faz música popular, assim por diante. Para mim está tudo vinculado. Eu sou um compositor submetido à minha época", diz. O pianista pertence à primeira turma do Curso de Música Popular da Unicamp, que se formou em 1992. Antes, ele já havia iniciado seu namoro com a música contemporânea.

Em 1989, formou o duo In Sa-

nun com o contrabaixista José Ignacio de Campos Júnior. "Estávamos interessados em dar vazão a nossas idéias, sem compromisso com estilos. Resolvemos, então, nos juntar num duo de improvisação contemporânea de vanguarda", lembra o contrabaixista.

O In Sanun, único grupo de Campinas a participar do Festival Música Nova deste ano, hoje é um quarteto. Juntaram-se ao duo a percussionista Glória Cunha e o violinista Álvaro Davi Peterlevitz. "Tivemos necessidade de agregar outros instrumentos que traduzissem nossas inspirações", diz Ignacio de Campos.

A fluência com que Lunsqui trafega entre os vários idiomas sonoros, pode ser explicada pela sua percepção musical. "Minha

criação é produto do meu entendimento do processo histórico da música. Para mim, todos os estilos têm elementos de contato que permitem viajar de um universo a outro". Apesar de reconhecido como um dos intérpretes mais criativos de Campinas, Lunsqui tem um objetivo muito claro para seu futuro artístico.

"A música contemporânea é o que eu quero para minha carreira. E penso muito em composição, que é uma área riquíssima". Este interesse pode ser constatado nas performances do In Sanun. "Há uma preocupação timbrística muito grande. Procuramos desenvolver uma estética própria, determinada pela intuição", diz o contrabaixista Ignacio de Campos.

Lunsqui começou a compor

em 1990, e, desde então, vem colecionando peças inéditas para várias formações instrumentais. A música *Sexteto*, que chamou a atenção do Contrechamps, por exemplo, é feita para flauta, clarinete, piano, percussão, violino e violoncelo. Como arranjador, sua atuação também tem sido constante dentro e fora do estúdio. Ele escreveu os arranjos da *Ópera Caipira*, de Ivan Vilela, que usa instrumentos regionais como acordeom, viola e percussão.

Quanto à veia jazzística de Lunsqui, esta continua sendo estimulada ao lado de músicos como o trombonista Raul de Souza, com quem se apresentou recentemente em São Paulo, e com o seu próprio quarteto em bares e outros espaços musicais da cidade.

## Gênero tem platéia específica

Num país reverenciado pela música popular, ser um compositor erudito contemporâneo significa ter parte de sua obra condenada ao ineditismo. Se tiver sorte, algumas peças podem ser executadas uma ou duas vezes em concertos para platéias específicas.

Só com as composições que permanecem inéditas em Campinas daria para montar um festival de música contemporânea. O mercado para este tipo de música difícil de ser entendida, por não respeitar sequer os elementos básicos como ritmo, melodia e harmonia, é pequeno para absorver a produção.

Marco Padilha teve uma composição sua - *Mytos* - tocada pela

em 1985. Entre as composições de Padilha que se mantêm distantes do público é *Concerto Para Viola e Orquestra*, escrita em 1987. "É uma peça virtuosística, muito difícil de ser tocada", diz o compositor. Atualmente Padilha está criando uma peça para piano solo, que deverá ser executada em primeira audição pela pianista Sônia Rubinsky, campineira radicada em Nova Iorque.

Há trabalhos que exigem dedicação sacerdotal do compositor, ainda que o seu destino seja incerto. É o caso de Maria Helena Rosas Fernandes, que, após quatro anos de trabalho, acaba de concluir a ópera *Marília de Dirceu*. Ainda sem saber se a ópera vai ser encenada ou não, a composi-

o *Orquestra*, para Ruth Ferrão. "A gente nasceu com este ideal e tem que lutar por ele", resume.

Mesmo Raul do Valle - uma exceção entre os compositores contemporâneos (ao lado de Almeida Prado), por ter suas obras frequentemente incluídas em concertos oficiais da orquestra local -, tem muita coisa guardada na gaveta, à espera de uma oportunidade para ser apresentada.

"Tenho peças para todas as formações - câmara, solista, coros, orquestras. Componho quase por uma necessidade fisiológica. Não vivo de música, vivo da música", acrescenta, referindo-se às suas trilhas para programas de televisão e às aulas na Unicamp.

## Inovações despertam interesse

Se a música contemporânea começa a despertar interesse entre os novos músicos de Campinas, parte dos créditos deve ir para o compositor José Augusto Mannis, coordenador do Centro de Documentação de Música Contemporânea da Unicamp.

Para ele, o interesse de compositores populares pelas inovações do gênero não é novidade. "Arrigo Barnabé aplicou experiências da música contemporânea em sua primeira fase (nos discos *Clara Crocodilo* e *Tubarões Voadores*). Ele pegou elementos dodecafônicos e aplicou na escrita popular", comenta Mannis.

O compositor não acredita que Campinas seja uma cidade fértil para um ou outro estilo musical.

compositores locais. "Há fertilidade se houver mercado, dinamismo e fluxo de artistas", diz. Este é um dos papéis desempenhados pelo CDMC. "O centro funciona como um banco de dados e ponto de referência para os compositores brasileiros", comenta.

Com o recém-lançado *Musicon - Guia de Música Contemporânea Brasileira 1995-1996*, o mais completo do gênero no País, o CDMC vem adubando o solo musical da cidade, com a presença de compositores reconhecidos internacionalmente. Em novembro, a Elzbieta Sternlicht comanda uma *masterclass* de interpretação pianística do repertório do século 20. Também em agendamento, está uma série de concertos e oficinas

Ensemble Intercontemporain, da França.

O objetivo de atividades como esta é colocar artista e público em contato com a música deste século e, desta forma, despertar o interesse por um gênero frequentemente taxado de difícil. E, pelo próprio *Musicon*, é possível notar que a música contemporânea tem feito adeptos em vários instrumentos e, especialmente, compositores (são 12 nomes catalogados).

Entre os jovens instrumentistas, além dos músicos do In Sanun, tem-se o percussionista Dalgua Larrondo, o vibrafonista André Juarez, a cravista Helena Jank, o contrabaixista Zé Alexandre (também jazzista) e outros.